

# SAÚDE COLETIVA

COOPERAR E COMPARTILHAR É MELHOR DO QUE COMPETIR

PPGCOL UFRGS | 10 ANOS PESQUISANDO A SAÚDE COM COLETIVOS



Luciane Maria Pilotto | Jaqueline Miotto Guarnieri  
Carolina Londero Araújo | Guilherme Lamperti Thomazi |  
Larissa Goni Murussi | Aline Blaya Martins | Alcindo Antônio Ferla  
Organizadoras/es

**Luciane Maria Pilotto  
Jaqueline Miotto Guarnieri  
Carolina Londero Araújo  
Guilherme Lamperti Thomazi  
Larissa Goni Murussi  
Aline Blaya Martins  
Alcindo Antônio Ferla  
(orgs.)**

# **Saúde Coletiva, cooperar e compartilhar é melhor do que competir**

**PPGCol/UFRGS – 10 anos  
pesquisando a saúde com coletivos**

E-book  
2ª edição



São Leopoldo  
2024

© Dos autores – 2024

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: André Dick

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)  
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)  
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)  
Eunice S. Nodari (UFSC)  
Haroldo Reimer (UEG)  
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)  
João Biehl (Princeton University)  
Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)  
Marluza Marques Harres (Unisinos)  
Martin N. Dreher (IHSL)  
Oneide Bobsin (Faculdades EST)  
Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)  
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)  
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

A obra teve revisão de pares e foi financiada por recursos do Programa de Apoio à Pós-Graduação – PROAP/CAPES.

- 
- S255 Saúde coletiva, cooperar e compartilhar é melhor do que competir. PPGCol/UFRGS – 10 anos pesquisando a saúde com coletivos. 2. ed. [E-book]. / Organizadores: Luciane Maria Pilotto *et al.* – São Leopoldo: Oikos, 2024.  
204 p.; il.: color.; 14,8 x 21 cm.  
ISBN 978-65-5974-239-4
1. Saúde coletiva. 2. Atenção básica. 3. Políticas públicas – Saúde coletiva.
  4. Direito – Saúde. I. Pilotto, Luciane Maria. II. Guarnieri, Jaqueline Miotto. III. Araújo, Carolina Londero. IV. Thomazi, Guilherme Lamperti. V. Murussi, Larissa Goni. VI. Martins, Aline Blaya. VII. Ferla, Alcindo Antônio.

CDU 614

---

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

# Trajetórias assistenciais em imagens: o empírico como experiência de compartilhamento do sensível

*Vilma Constancia Fioravante dos Santos*  
*Tatiana Engel Gerhardt*

## **Introdução**

Este capítulo apresenta uma das narrativas visuais constituídas na tese de doutorado da primeira autora, e a geração dessas fotografias é fruto da aproximação da pesquisadora com a pluralidade do rural e da relação que se estabeleceu com o objeto de pesquisa, o direito à saúde mirada pela perspectiva honnethiana do Reconhecimento (Santos, 2018; Honneth, 2003).

A intenção de apresentar uma narrativa visual é despertar e revelar o sensível, a produção de subjetividades, o não dito, as nuances e detalhes que muitas vezes escapam ao enquadramento, não somente das lentes do pesquisador, mas também do profissional de saúde. A narrativa dá visualidade às relações que se estabelecem entre profissionais, usuários e a pluralidade de experiências de vida.

Inicialmente, apresenta-se a trajetória assistencial de um casal de idosos do rural do Rio Grande do Sul pela tessitura de fotografias, em que as imagens buscam revelar não a existência de um enquadramento preestabelecido, mas uma diversidade de enquadramentos possíveis. Mais adiante, o texto discorre sobre a gramática teórica e conceitual que deu corpo à análise acadêmica dos elementos que são registrados pelas fotografias. Dessa inspiração, faz-se a tentativa de pen-

sar com e pelas fotografias, produzindo um exercício reflexivo pela via da sensibilidade e abertura à visualidade do registro, depois pela via do texto escrito no demarcar da posição das autoras sobre a escrita acadêmica. Isto se dá no sentido de dar vazão para um debate necessário dentro do campo das ciências da saúde, a pluralidade das imagens em captar e desconstruir os sentidos aprisionados pela linguagem textual, pela possibilidade criativa que permite ir além dos significados e sentidos preestabelecidos pelo pesquisador.

A escolha intencional da organização deste capítulo – primeiro as imagens, depois a tomada de posição teórica e conceitual das autoras – destaca a concepção epistemológica assumida aqui sobre o uso de imagens na pesquisa científica, como exercício de produção do conhecimento científico que alia ciência e arte, em que a potência da visualidade de pessoas em seu cotidiano e em suas diferentes sociabilidades contribui para colocar em debate encontros ontológicos distintos, visualizar mundos silenciados, invisibilizados e vulnerabilizados. Nesse sentido, apostando no uso das imagens e de sua produção que permitem apreender e promover encontros ontológicos interculturais entre diferentes concepções e práticas em saúde, tem-se a intenção de contribuir no debate sobre a colonialidade do ver. Esta que, segundo Barriendos (2019), sendo constitutiva da modernidade, age como padrão heterárquico de dominação, decisivo para todas as instâncias da vida contemporânea, sobretudo no corpo, na saúde, na doença. Nesta direção, tem-se a pretensão de colaborar com esta coletânea, principalmente por meio da busca da difusão e disseminação do conhecimento em suas mais distintas linguagens e concepções.

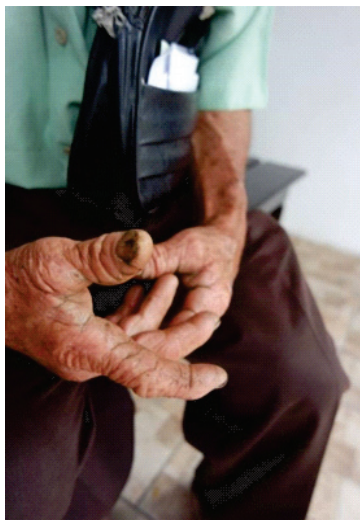
## A narrativa de uma trajetória assistencial no rural

Imagem 1: Mãos inquietas na espera de atendimento



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 2: Mãos que acessam o serviço de saúde



Fonte: As autoras, 2018.

*O primeiro contato com esta trajetória assistencial, que muito inquieta, mobiliza e emociona, foi por meio do Senhor Valente.*

*Naquele dia, em meio ao tumulto típico do início do turno de trabalho em um serviço de saúde, um senhor com a camisa meio aberta e com expressão de quem estava sentindo muito calor, entrou na Unidade de Saúde, por volta das 9h. Ele foi direto falar com o recepcionista. Falou através do vidro do guichê da recepção... disse alguma coisa e se esforçou para ouvir... pegou uma ficha de triagem e ficou esperando. Logo, uma das interlocutoras da pesquisa o chamou.*

Imagem 3: Adentrando o cotidiano



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 4: Apresentado os interlocutores: Dona Jade e o Seu Valente



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 5: Cotidiano



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 6: Quando o serviço de saúde chega



Fonte: As autoras, 2018.



Imagem 7: O emaranhado entre o formal e o cotidiano



Fonte: As autoras, 2018

Imagens 8 e 9: Afazeres domésticos I





Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 10: Nuances do cotidiano I



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 11: Nuances do cotidiano II



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 12: O estar em casa



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 13: O ritmo do comum I



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 14: O ritmo do comum



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 15: Retrato de Dona Jade



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 16: Escrita sensível



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 17: O ritmo do cotidiano e o Sistema de Saúde



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 18: Quando a formalidade do Estado toca o comum



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 19: Quando a formalidade do Estado toca o comum II



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 20: Quando o Sistema de Saúde toca o cotidiano



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 21: Escrita sensível II



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 22: Quando a formalidade do Estado toca o comum III



Fonte: As autoras, 2018.



Imagem 23: Sair da vida sensível e acessar o serviço de saúde I



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 24: A escolha de quem fica e de quem vai



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 25: Sair da vida sensível e acessar o serviço de saúde II



Fonte: As autoras, 2018.

Imagem 26: A constituição do espaço público e seus mediadores



Fonte: As autoras, 2018.

## **Algumas palavras sobre o registro da constituição de espaços públicos**

Diante da pluralidade enunciada pela narrativa visual, questiona-se as interfaces que se estabelecem entre as políticas públicas e o comum, indicando as relações tênues entre o interesse público e o privado, entendendo que o privado é a busca pela devida visibilidade social. Com a intenção de oferecer mais alguns elementos sobre a narrativa visual, transcreve-se um trecho do diário de campo da pesquisa, buscando enriquecer a potência das imagens em singularizar as pessoas.

*No percurso da pesquisa, quando conhecemos (pesquisadora de campo e Agente Comunitária de Saúde) o Sr. Valente, logo tivemos a informação de que ele morava muito longe do serviço de saúde, em torno de 45 minutos de deslocamento de carro, em uma localidade chamada Morro da Palha. A distância e a inexistência de Agente Comunitário (ACS) para atender a este território faziam com que a equipe tivesse pouco contato com os moradores de lá. Naquele dia, quando ele saiu da Unidade fomos falar com ele. Nos sentamos no banco em frente à unidade, e ele conversou de forma desconfiada, pois não nos conhecíamos. Ele relatou que iria ao supermercado, que fica próximo da Unidade e depois retornaria para casa, às 15 horas, no único e último ônibus que se desloca até as proximidades de sua casa. Dito isso, veio a reflexão de que ele iria esperar por volta de sete horas até conseguir retornar a sua casa.*

*Dias depois, a ACS Brisa e eu aproveitamos a vinda do carro da prefeitura e fomos até a casa dele e de sua esposa. Na primeira visita, depois de um longo percurso de carro, subimos o morro que dá nome à localidade, da Palha, entre encruzilhadas em que somente alguém que conhece o lugar tem condições de chegar ao destino certo no menor tempo possível, pois do contrário ficaríamos horas procurando a entrada da propriedade deles. Depois do percurso, chegamos a uma estrada mais estreita, quase fechada pelas árvores, e ao andar mais um pouco avistamos uma casa de madeira e um carroção de reboque que serve de meio de transporte para a família. Aquele dia fez parte das fotografias que apresentamos.*

*No dia da visita, dona Jade, que tem 80 anos, quase não falou conosco; notadamente eles conheciam a Brisa, mas demonstravam estranhamento com pessoas desconhecidas. Quando fazíamos o movimento de fotografar, eles perguntavam, em tom mais baixo de voz, quem éramos. A aproximação com os interlocutores se deu de forma gradativa; o marco foi quando dona Jade começou a olhar em nossos olhos, o que não aconteceu no primeiro momento, e quando posaram para as fotografias. Em nossas conversas, em função da timidez e do uso de palavras regionais e com sotaque, quase não se entendia o que ela falava. Assim, foi possível perceber o isolamento em que viviam, e não era somente físico; era imaterial também, pois dona Jade disse que só descia o morro quando precisava consultar no serviço de saúde. Raramente iam até o centro da cidade; as compras de mantimentos no mercado quem fazia era o Sr. Valente, no aglomerado urbano que contornava o serviço de saúde. Ademais, a família produzia muito dos alimentos consumidos, frutas, hortaliças e carne.*

*A família não possuía televisão, apenas um rádio, uma geladeira e um freezer grande, o que é necessário, pois eles mesmos abatem os animais para consumo e precisam refrigerar a carne para durar mais tempo para o consumo. Entendemos que o fogão a gás é pouco utilizado, serve mais como um balcão auxiliar para a cozinha. A família aprecia mesmo é o fogão a lenha, que nas duas vezes em que fomos visitá-los mantinha muita lenha no entorno. Também, tinham máquina de lavar, protegida por uma capa de plástico, inclusive o freezer era encapado, sugerindo o apreço pelos bens de consumo de mais valor para a família. A casa não tem encanamento d'água em todos os espaços ocupados. Por exemplo, na peça que serve de cozinha, ela ainda pega água no tanque e a usa na bacia que serve de pia. Não conhecemos todas as peças da casa, mais por constrangimento nosso de não pedir para conhecer a casa deles do que deles propriamente. A relação mais próxima foi se mostrando quando dona Jade nos mostrou as fotos dos filhos, as flores do jardim que não têm limites muito claros e no presente, ao final da visita, uma sacola com bananas que a família cultivava para consumo próprio.*

*No dia em que os visitamos, o senhor Valente me contou que não conseguiu todos os remédios que fora buscar na última ida até o serviço de saúde,*

*precisaria ir novamente. Ele é quem busca mantimentos para a família, e também é ele que aplica a insulina que dona Jade usa, insumo que percorre um longo caminho até chegar à casa deles. Neste dia, demos carona para ele no carro da prefeitura; a narrativa visual apresentada os registra em casa, depois ele se organizando para ir conosco e no serviço de saúde e, ao final, sendo atendido por outro de nossos interlocutores.*

A seguir, são apresentados alguns apontamentos sobre o percurso da geração das imagens, no sentido de situar o leitor sobre as imagens compartilhadas e a posição das autoras na mirada que recorta o cotidiano e as sociabilidades que foram acessadas na oportunidade da pesquisa de campo que fora realizada.

### **Anotações sobre a gramática da constituição das imagens no espaço público**

A aproximação com os interlocutores que dão identidade a esta trajetória assistencial se deu a partir de narrativas constituídas no âmbito da tese de doutorado da primeira autora em um serviço de saúde que atende a moradores do rural. Esta trajetória é uma das narrativas visuais produzidas na pesquisa e compuseram um Manifesto Visual da Luta por Reconhecimento no campo da saúde. Nesta pesquisa, buscou-se compreender como se constituem os espaços públicos na luta pelo direito à saúde, tendo como despertar a reflexão de que a constituição do espaço público se dá quando os sujeitos se veem reconhecidos como integrantes dignos de valor em relações intersubjetivas, instituindo, assim, uma vida pública capaz de promover a saúde como um direito de cidadania (Santos, 2018).

A fotografia foi um elemento que ampliou e enriqueceu a lente que se dispunha para reconstruir e interpretar o social (Martins, 2013), fazendo uso do potencial enunciativo da imagem como uma nova forma de escritura na linguagem interpretativa (Achutti, 2004). A demanda justamente pela tessitura de uma abordagem metodológica que bus-

casos reflexivos mais sensíveis e situados em um contexto local e singular, como é o rural, foi quase como uma provocação para não se deixar engessar pela linguagem acadêmica tradicional, aquela que se restringe ao campo da escrita ortográfica.

Sobre a ética, que vai além da bioética, ressalta-se que, na pesquisa qualitativa em saúde, este é um elemento que deve fazer parte desde a definição do objeto, escrita, estada em campo empírico, análise dos dados produzidos, publicação e restituição dos resultados (Minayo; Guerreiro, 2015). Aqui se propõe a constante busca pelo sentido ético da pesquisa, enquanto existe o respeito e alteridade para com o objeto de pesquisa, os interlocutores, prováveis leitores da academia e da sociedade de modo geral e com a ciência com a qual nos interessa colaborar. Este estudo respeita os preceitos estabelecidos pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), a qual aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil. Dessa forma, esta pesquisa foi executada depois do projeto ser aprovado Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, com CAAE nº 57695116.0.0000.5347, parecer nº Número do Parecer: 1.707.458, de 2016.

Ainda sobre as questões éticas que estão envolvidas neste estudo, no fazer da pesquisa qualitativa, em especial com pesquisas que envolvem fotografias, devemos estar atentos “aos códigos de visibilidade dos fotografados” (Martins, 2013, p. 16); há aqueles que desejam ser fotografados e aqueles que não gostariam de ser fotografados. Além disso, outro aspecto é a postura ética do pesquisador em ter a sensibilidade de que, quanto mais nos inserimos em determinada organização pelo processo de pesquisa, melhor formulada e organizada é nossa percepção das regras que são implícitas para um entrevistador apressado (Abreu, 2013). E, no campo das pesquisas fotoetnográficas, em específico, há o apontamento para a indissociabilidade entre a autorização para a captação de imagens, a sua produção e devolução (Martins, 2013). Todas as imagens captadas no formato de fotografia foram mostradas

aos participantes, por meio de dispositivo móvel (celular, câmera e tablet da pesquisa) no formato digital para cada um dos interlocutores que estão envolvidos na cena. Este movimento se deu no processo de captação das imagens, com os participantes manuseando a câmera da pesquisadora, e em momentos posteriores, quando a pesquisadora se reencontrava com os participantes e mostrava as fotos por meio de dispositivos digitais. Ao longo da execução da pesquisa de campo houve diálogo sobre o uso delas na tese de doutorado e nas produções que seriam elaboradas com elas, tendo seu consentimento. Além disso, a tese foi apresentada na recepção do serviço de saúde que atende os moradores da localidade onde ocorreu a pesquisa de campo, de modo que as narrativas visuais e a interpretação que se fez sobre elas foram partilhadas.

Em tempo, cabe destacar que, o sentido da construção de narrativas visuais que expressam experiências na saúde (não necessariamente experiências de cidadania ou do alcance de direitos), obtido pelas e com as fotografias, ocorreu no intuito de visibilizar mecanismos que se conformam no cotidiano de um serviço de saúde. Esses mecanismos foram mirados pela perspectiva da Teoria do Reconhecimento em Axel Honneth (2003), no sentido de desvelar o potencial de valorizar as relações intersubjetivas, invisibilizadas pela lógica da organização institucional e da formulação das políticas públicas no campo da saúde. Este é um apontamento importante para este capítulo, tendo em vista que as imagens seguem determinado grau de inteligibilidade dentro da teoria citada.

As fotografias apresentadas constituem em um manifesto que se propõe a despertar reflexões acerca das interfaces que se estabelecem entre as políticas públicas e o comum, indicando as relações tênues entre a ocupação pública e privada de espaços que deveriam ser sempre públicos. Do ponto de vista da análise do que a narrativa comunica, as imagens chamam atenção para o distanciamento entre a formalidade instituída que garante o direito à saúde e as lutas empreendidas cotidianamente para que isso se torne concreto, desde as particularida-

des das pessoas em suas individualidades, até a relação que se estabelece com aqueles que representam o Estado, aqui personalizados nos profissionais de saúde. Neste sentido, a saúde é entendida como um direito quando a busca por sua garantia leva ao exercício da cidadania, e não desemboca em situações que desumanizam e ferem a dignidade das pessoas. A cidadania, que não é limitada à luta pela garantia de bens e serviços, mas pela expansão da oferta pontual e doação do Estado, está inscrita na conquista de novos direitos e na formação de vontade pública em espaços ocupados pelo público (Machado, 2011).

Cabe, ainda, ressaltar que, socialmente, tornar-se visível ou ganhar visibilidade pressupõe a existência e expressa a validade social, o ser validado pelo olhar dos outros. Isto é interessante do ponto de vista de que as imagens também se prestam neste sentido em tornar o outro visível. Assim, o respeito constituído nas relações intersubjetivas atribui aos sujeitos valor positivo, no sentido de que o respeito expressa valor social. Por outro lado, a invisibilidade social e a insuficiência de condições que deem substrato à participação na vida pública afetam diretamente a dignidade humana (Assy, 2012).

Os diferentes modos de ocupação do espaço público, alguns apresentados na narrativa visual, geram efeitos à saúde como um direito de cidadania e têm a potência de imprimir valor social ao cuidado (Assy, 2012). Cotidianamente, o acesso aos serviços públicos proporciona a internalização da ideia de pertencimento social e a formação valorativa da autoimagem. Neste sentido, o direito à saúde, como regra programática, implica a interiorização de normas que reproduzem expectativas e obrigações atribuídas a todos os membros de uma coletividade; os sujeitos internalizam a promessa de que o acesso ao direito à saúde é de responsabilidade do Estado, e o Estado demonstra cuidado efetivo com a vida dos sujeitos de direitos a partir da prestação de determinados serviços. Por sua vez, a privação do acesso é uma forma de humilhação social, que se traduz tanto como desrespeito quanto na degeneração do próprio potencial de autorrealização (Assy, 2012).



O processo de viver uma vida privada de valor social significa estar excluído de uma vida verdadeiramente humana, esta que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, ou seja, viver uma vida em que não há existência no mundo (Arendt, 2017). Neste sentido, com as imagens que foram apresentadas, instiga-se os leitores/espectadores a refletir sobre quem são as pessoas que estão nas imagens. Este questionamento se dá como um movimento de tensionar as discussões acadêmicas. A academia é feita para e com as pessoas, mesmo que sem colocá-las em suas particularidades neste espaço.

A condição de invisibilidade implica no não reconhecimento do valor social de cada um, o permanecer sem importância para os outros, e, conseqüentemente, o que vem dos outros não tem importância. Ou seja, acontece a produção de sujeitos anônimos e castigados por normas e engrenagens, dificultando ainda mais a constituição de espaços públicos na saúde (Santos, 2018). Assim, diante das infinitas possibilidades de leitura das fotografias, a imagem suscitada por elas transcreve o entendimento de que a defesa de um espaço público precisa ser acompanhada pela compreensão de que, quando se está lutando pelo direito à saúde, está-se defendendo a dignidade humana. As fotografias defendem a busca de uma racionalidade que seja mais sensível às experiências relacionais e ao contexto, com a defesa do convívio respeitoso em sociedade, problematizando suas limitações e valorizando o outro como digno de valor.

### **Provocações sobre o lugar das imagens na escrita acadêmica no campo das ciências da saúde**

O presente capítulo se constituiu a partir do registro fotográfico de uma trajetória assistencial e propõe a mirada sobre o movimento que pode se conformar entre a imagem e a escrita, tensionando, assim, o uso de imagens em pesquisa no campo da saúde. Desta inspiração, o presente texto foi construído no exercício de trazer para o campo da

saúde novos gêneros discursivos, tendo em vista a potência do uso das imagens para a apropriação e divulgação do conhecimento (Gerhardt *et al.*, 2016). Mas, também, no movimento reflexivo sobre as relações éticas entre pesquisador e pesquisado, ou seja, sobre a experiência empírica de produção de conhecimento e compartilhamento do sensível (Laplantine, 2005).

O que se propõe, como pano de fundo desta narrativa visual, é uma guinada epistemológica norteadada pela exigência de uma escrita mais sensível, que possa dar vazão a outras expressões que se somam ou, até mesmo, dispensam a palavra escrita; também se soma à intenção de oportunizar sentidos narrativos que escapam o registro tradicionalmente utilizado pelas ciências da saúde. Esta iniciativa emergiu das imagens que retratam o encontro entre a pluralidade da vida e a dureza do Sistema de Saúde, e gerou tensionamentos sobre o fazer acadêmico hegemônico, tradicionalmente aliançado com semânticas política e socialmente legítimas (Santos, 2007), mas que não tem conseguido visibilizar e assentir o valor das experiências sociais, altamente complexas e diversas (Santos, 2007). Enfrentar a oposição na produção do conhecimento científico que separa (e também hierarquiza) o inteligível do sensível, o cognitivo da emoção, o conhecer e o sentir, é o desafio aqui proposto.

No campo da saúde, a busca por formas mais sensíveis de escrita é um movimento que vem se constituindo, no sentido de escrever de forma a ir de encontro ao automatismo que está presente na sistematização e normatividade estética que o meio acadêmico impõe. A escrita acadêmica tem se constituído como mais uma tarefa burocrática nos processos formativos (Guzzo *et al.*, 2019), face à diversidade de formas de produzir e compartilhar conhecimento. A escrita sensível tem elementos conceituais que a colocam como uma linguagem mais aberta, na medida em que admite um fazer subjetivo da comunicação, com determinado grau de exposição e proximidade afetivo-intelectual ainda pouco experimentado no ambiente universitário (Guzzo *et al.*, 2019).

Academicamente, ainda existe determinada resistência à qualidade epistemológica das imagens, fato que está relacionado à construção dicotômica entre objetividade e subjetividade. Essa dicotomia faz parte da história da construção do conhecimento, pois os propósitos científicos sempre buscaram a precisão e a objetividade como meios privilegiados do saber; assim, a polissemia da imagem representava um empecilho para esse alcance. Desse modo, ainda se vivencia a compreensão de que a utilização de imagens em pesquisas, especialmente em campos nos quais o uso de palavras escritas já é demasiadamente complexo, é um desafio. Além disso, é preciso considerar as questões cognitivas postas aos pesquisadores e leitores quando a linguagem imagética é introduzida nesses campos (Barbosa, 2014).

A partir da narrativa aqui apresentada, propõe-se que a capacidade enunciativa das imagens conduza o leitor e deixe que elas mesmas despertem reflexões e ampliem o próprio núcleo de análise, tendo em vista que cada leitor olha pela lente que lhe instiga reflexões, seja ela teórica, metodológica ou empírica. Ao mesmo tempo que a seleção de imagens não deixa de ser o recorte da lente que as pesquisadoras se valem para olhar e interpretar a realidade, as imagens possuem força para construir uma narrativa crítica que pode desmascarar as diferentes formas de invisibilidade, argumentando que são as imagens mais do que as palavras que permitem captar e desconstruir os sentidos bloqueados pela linguagem textual. A intenção não é idealizar a imagem como algo neutro, mas de pensá-la como um desafio criativo que transcende a fala: primeiro, porque, na lógica de produção de conhecimento hegemônica, há a sensação de que a palavra é neutra e possui um lugar privilegiado no sistema de conhecimento hierárquico ocidental; as imagens nos dão a possibilidade de pensar além dos significados e como possibilidade criativa; segundo, porque parte do mundo rural não possui acesso à palavra escrita e não tem o mesmo domínio da linguagem, portanto é uma oportunidade de construir uma linguagem para onde convergem heterogeneidades, em que a diferença pode ser uma vantagem.

Um terceiro motivo, diretamente relacionado com o ponto anterior, é porque as imagens possibilitam encontros multiformes de intenções e vazão à multilateralidade que o cuidado implica para os envolvidos, mesmo que no campo da saúde tradicionalmente se pense em bilateralidades transcritas em duas *performances* – ser profissional da saúde ou ser usuário. No entanto, a saúde pensada como um direito de cidadania implica na reflexão de que essas *performances* são plásticas e múltiplas, tendo em vista a necessária conjunção da gramática moral das lutas que as pessoas empreendem cotidianamente (Honneth, 2003), haja vista as diferentes formas de existir. Desse entendimento, o uso da câmera é um recurso que permite consentir e construir com o Outro (Cusicanqui, 2015), uma porta de entrada que detém muitas janelas para diálogo e escuta do outro.

Assim, as imagens instigam a reflexão acerca do território em suas dinâmicas, em seus lugares de sociabilidade e nas trajetórias biográficas dos interlocutores. A reconstrução das sociabilidades do cotidiano das pessoas permite fazer os recortes territoriais que as revestem e compreender as estruturas simbólicas (do inteligível e do sensível) dos campos de pertencimentos daqueles que interagem. São esses pertencimentos que são considerados aqui como disparadores visuais e que conduzem a leitura das fotografias.

O ato de escrever a partir de outras linguagens abriu espaço para olhar de forma crítica a um conjunto de pressupostos tradicionais da produção etnográfica interpretativa, que tenta compreender e traduzir o Outro pelo olhar de quem pesquisa. Nós observamos, nós escutamos, nós falamos com o Outro, nós tentamos sentir o que o Outro sente. Mas é preciso que se abra espaço para outras possibilidades de escrita e de leitura, que possibilitem a junção entre o inteligível e o sensível das identidades que compõem as trajetórias assistenciais ainda invisíveis às agendas públicas, como as do rural (Ruiz; Gerhardt, 2012; Arruda *et al.*, 2017).

O exercício de olhar pelas janelas abertas das fotografias foi um caminho profícuo para que se estabelecessem novas relações com a produção do conhecimento científico. Mais do que adotar uma “técnica”, encorajou a pensar com e por imagens, ampliando as possibilidades de olhar e compreender os sistemas de relacionamento, os acordos, desacordos, conflitos e pactos intersubjetivos, para além das ilusões sugeridas pelo individualismo e não disponíveis para o observador desatento (Martins, 2009, 2013).

A possibilidade de pensar pelas imagens sozinhas e pela narrativa que se constitui com elas em sua sequência faz com que o espectador também reconheça que a todo o momento estamos interpretando a realidade. E nosso entendimento está permeado por afeto, por aquilo que faz sentido para o nosso enquadramento, e isso é uma parte do real. A fotografia nos instiga a pensar o quanto os sentidos que o pesquisador aponta são apenas uma porção do visível, e que há sentidos que são deixados de fora do campo visual, pois se omite na apreensão inteligível do social a fluidez do sensível, a vivência emocional e corporal dos indivíduos, as vibrações do movimento, as transformações em ato, as construções e desconstruções do real (Laplantine, 2005).

No movimento de tecer considerações finais, aponta-se para o interesse do uso da imagem naquilo que a imagem proporciona enquanto arte da resistência à simplificação, também na capacidade que as imagens têm de mobilizar nossa atenção, de despertar e revelar nossa sensibilidade (Laplantine, 2005). Para além da competência técnica e estética, os não ditos, os nuances, os detalhes, o que escapa à produção científica hegemônica que normatiza, generaliza e sistematiza a complexidade da realidade.

## Referências

- Abreu, R. Compartilhando experiências e “imprevistos”: relatos e reflexões sobre a prática da filmagem em pesquisas antropológicas. **Illuminuras**, v. 14, n. 32, p. 85-112, jan./jun. 2013.
- Arendt, H. **A condição humana**. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. 474 p.
- Arruda, C. A. M. *et al.* Lutas, direitos e Estado brasileiro: diálogo entre as políticas públicas para as populações do campo, da floresta e das águas. In: Carneiro, F. F. *et al.* (orgs.). **Campo, Floresta e Águas**: práticas e saberes em saúde. Brasília: Editora UNB, 2017.
- Assy, B. Invisibilidade social, reconhecimento e Direito à Saúde. In: Pinheiro, R.; Silveira, R.; Lofego, J. (orgs.). **Integralidade sem fronteiras**: itinerários formativos e de gestão na busca por cuidado. Rio de Janeiro: CEPSC/IMS/ UERJ/ABRASCO, 2012. p. 27-41.
- Barbosa, A. Imagem, Pesquisa e Antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 3-8, 2014.
- Barriendos, J. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interestêmico. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019.
- Cusicanqui, S. R. Sociologia de la imagem. **Miradas Ch'ixi desde La historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limóa, 2015.
- Gerhardt, T. E.; Santos, V. C. F.; Carvalho, D. Ampliando linguagens: itinerários terapêuticos em imagens. In: Gerhardt, T. E. *et al.* (orgs.). **Itinerários terapêuticos**: integralidade no cuidado, avaliação e formação em saúde. Rio de Janeiro: CEPESC / IMS/ UERJ – ABRASCO, 2016. p. 255-74.
- Guzzo, M. *et al.* Diário dos diários: o cotidiano da escrita sensível na formação compartilhada em saúde. **Interface (Botucatu)**, Espaço aberto, n. 23, 2019.
- Honneth, A. **Luta por reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2003. 308 p.
- Laplantine, F. **Le social e les sensible**. Introduction à une anthropologie modale. Paris: Téraèdre, 2005. 220 p.
- Martins, J. S. Sociologia da fotografia e da imagem. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2013. 206 p.

- Martins, J. S. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.
- Minayo, M. C. S.; Guerriero, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1.103-112, 2014.
- Ruiz, E. N. F.; Gerhardt, T. E. Políticas públicas no meio rural: visibilidade e participação social como perspectivas de cidadania solidária e saúde. **Physis [online]**, v. 232, n. 3, p. 1.191-1.209, 2012.
- Santos, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, 2012.
- Santos, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- Santos, V. C. F. **A saúde como direito**: Um manifesto visual da Luta por Reconhecimento Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.